

SABENDO COMO INFORMATIZAR UMA BIBLIOTECA  
SERÁ QUE SABEMOS COMO EVOLUIR?

Almerinda Graça\*

Atingindo um determinado nível na informatização de serviços de informação, esta comunicação pretende apontar pistas para o desenvolvimento do trabalho no futuro.

Como prosseguir, o que procurar, como e porquê, são interrogações a que se procura dar resposta.

\*Biblioteca Nacional

SABENDO COMO INFORMATIZAR UMA BIBLIOTECA,  
SERÁ QUE SABEMOS COMO EVOLUIR?

Introdução

Passados três anos sobre a inauguração da Base Nacional de Dados Bibliográficos/PORBASE (20 de Maio de 1988) um grande caminho foi percorrido por um número vasto de Bibliotecas e Serviços de Informação portugueses.

Posicionando-me como qualquer uma aprendiz de Técnica da Informação, mas com base na vivência no âmbito do Projecto PORBASE, atrevo-me a tecer algumas considerações sobre possíveis alvos a atingir no desenvolver do trabalho que nos espera: como prosseguir? O que procurar? Como procurar? Para quê? A quem recorrer?

Para abordar esta temática, não é minha intenção intervir como defensora do "software" Mini-Micro CDS/ISIS, nem tão pouco debruçar-me sobre as vantagens da adesão à tecnologia disponível no âmbito do Projecto PORBASE. Ao contrário, tento colocar-me fora dela, e comportar-me como uma qualquer técnica que olha para o mercado da informação existente e não sabe por onde começar ou, tendo iniciado um percurso, como nele evoluir.

Se lermos o último número da revista I'M (Feb.-Apr. 91), na página 10, pode ler-se:<sup>1,4</sup>

"Como podem as empresas implementar sistemas efectivos?" Ruth Stenat que trabalhou com muitas Companhias americanas, nesta matéria sugere:

- Fase 1: Identificar um bom serviço de Informação no País;
- Fase 2: Coordenar pessoal competente;
- Fase 3: Desenvolver um plano de trabalho com vista a uma rede inteligente
- Fase 4: Iniciar a fase de planeamento a curto e longo prazo;
- Fase 5: Dirigir o grupo de definição de estratégia da informação;
- Fase 6: Desenvolver uma rede inteligente protótipo;
- Fase 7: Obter "feedback" do utilizador;
- Fase 8: Reimplementar o sistema;
- Fase 9: Desenvolver o sistema;
- Fase 10: Estabelecer uma estrutura de suporte para o sistema;
- Fase 11: Promover a evolução do sistema;

Seguindo o método proposto, a necessidade de sistematicamente voltar à análise dos objectivos, e ao replaneamento, é transparente. Isto não significa, no entanto, que a postura correcta é esperar eternamente pela última geração de um equipamento ou pela versão milagrosa de um qualquer "software"! Ao contrário, há que escolher com base na tecnologia disponível, sejam meios informáticos ou recursos de "know-how". A chave talvez esteja em, uma vez feita a melhor opção possível num dado momento, saber como dela ir tirando o melhor partido ao confrontar essa opção com as evoluções tecnológicas entretanto verificadas.

O quê e como procurar:

Recorrendo a Schmidmaier, quando aborda os aspectos humanos da informação armazenada electronicamente, ele defende três princípios básicos sob a forma de teses:<sup>3</sup>

1ª) As tecnologias de informação e comunicações modernas tornaram-se elementos imanes do trabalho intrínseco e extrínseco de qualquer biblioteca, o que leva à ampliação da sua razão de ser e principalmente à mudança do seu modo de funcionamento e estruturas

2ª) A aplicação de tecnologias que levem ao registo electrónico da informação requer liderança consistente do processo por coordenadores experientes e contínua cooperação com especialistas de informática e de processamento de dados.

3ª) A aplicação de tecnologias ligadas à informação armazenada electronicamente requer do "staff" um elevado nível de formação. Correspondendo às necessidades da sociedade, os responsáveis devem fazer um bom trabalho de base com os colaboradores assim como com os utilizadores."

Com base nestes postulados, que devem ser encarados não como uma receita, mas como princípios orientadores de postura profissional, tratar-se-ia agora de questionar como prosseguir, partindo do princípio que já se deu um primeiro passo com vista à automatização, seja ele qual fôr, mesmo tendo consciência de que a realidade portuguesa tem pouco a ver com outra qualquer!

Como prosseguir:

"Nós, bibliotecários, dizemos muitas vezes que vivemos numa época de TRANSIÇÃO, mas hoje este termo não é mais apropriado. A transição, ou a mudança não é um estádio, mas um estado permanente, QUALQUER COISA QUE ESTÁ AI PARA FICAR." 2

Se nos orientarmos para os nossos utilizadores, facilmente percebemos que o seu nível de exigência tem vindo a aumentar. A partir de um mesmo posto de trabalho (um qualquer terminal) eles começam a querer aceder a todo e qualquer tipo de informação, seja de referência ou mesmo ao próprio documento ou até ao conhecimento da sua disponibilidade ou indisponibilidade com vista ao empréstimo.

Analisando estas necessidades, e posicionando-nos no Serviço de Informação em que aplicamos diariamente o nosso melhor esforço, trata-se então de saber quais destas exigências podem ser satisfeitas de acordo com a Instituição em que estamos inseridos, mantendo presentes os seus próprios objectivos e tendo em conta as disponibilidades financeiras "versus" encargos a cobrir.

Para uma boa definição desses alvos, na minha opinião, e de acordo com o que eventualmente já praticamos, é preciso procurar conhecer minimamente:

1. que sistemas informáticos, vocacionados para Serviços de Informação foram desenhados em Portugal e que aplicações estão a ter na realidade portuguesa;
2. que sistemas informáticos, vocacionados para Serviços de Informação, existem internacionalmente e se desses, já há algum ou alguns aplicados à realidade portuguesa;

3. como é que esses sistemas foram implementados, numa realidade concreta e porquê;
4. como foram articulados com configurações regionais e/ou locais e porquê;
5. quais as últimas inovações tecnológicas, em termos de serviços (ex: videotexto);
6. qual o "know-how", relativamente a telecomunicações, que a cada um faz falta.
7. como aprofundar conhecimentos recorrendo a um qualquer sistema informático, cujo acesso não seja de todo inviável, nem em termos económicos, nem em termos práticos, isto é, "pôr as mãos na massa", pois só assim o "know-how" de cada um pode crescer e sedimentar-se.

A quem recorrer?

Como é do nosso conhecimento, as visitas a Feiras e Exposições constituem um recurso rico de experiências, assim como a Seminários e Conferências, onde, como é evidente, são tão importantes os contactos pessoais como as próprias comunicações; do mesmo modo, as visitas a "stands" de demonstrações é fundamental, podendo aí recolher-se informações preciosas para a nossa realidade e tomar contacto com as últimas inovações tecnológicas, relativamente a produtos, serviços e desenvolvimentos de "software".

Parece-me que tudo isto, ou pelo menos parte, está ao alcance de todos. Mas, se não está, a troca de impressões com os colegas mais próximos que tenham tido a possibilidade de naquelas realizações participar, é um último recurso que acaba do mesmo modo por abrir perspectivas com que talvez nem sonhássemos!

Acredito que em qualquer ponto do país há sempre alguém que tenha a sorte de trabalhar numa Instituição com mais recursos económicos que pode "fazer a ponte", servindo de elo de uma cadeia, com aqueles cujas Instituições querem atingir os mesmos objectivos, mas têm carência de verbas para formação ou até para implementar uma nova tecnologia que está já em funcionamento ali mesmo ao lado.

Nesta conjuntura, as telecomunicações têm um papel importante. Não só no que respeita à sua abordagem, mas também ao seu uso! O facto de ser possível ligar em rede, máquinas, pode facilitar a geração de uma rede humana...

Assim, a possibilidade de um qualquer técnico recorrer a um terminal remoto, que permite o acesso a grandes quantidades de informação, pode proporcionar àquele, sem encargos adicionais, um recurso inesperado que lhe possibilitará ampliar os seus serviços.

Quando?

"Todo o sistema informatizado produz um efeito em cadeia a partir do momento em que mudanças se fazem em qualquer parte [...] o catalogador não pode mais praticar o individualismo e a excentricidade, que tem os seus riscos e perigos, havendo fortes probabilidades de essa atitude provocar desgastes no sistema, seja ele qual fôr.

De uma forma mais geral, verifica-se uma interdependência crescente a todos os níveis na organização das bibliotecas. Este efeito em cadeia, obriga, muito mais do que antes, ao trabalho em grupo e à participação activa na equipa de organização, a uma estratégia de desenvolvimento e à tomada de decisão no interior daquela".

E continua: "Para que as bibliotecas possam efectivamente servir os seus utilizadores, e desempenhar um papel que não se cinja ao de museu de informação, devemos-nos preparar e encontrar os meios para explorar este avanço tecnológico." 2

As novas tecnologias. Como usá-las?

A informatização não reduziu as despesas das bibliotecas. O problema é que algumas continuam a assentar a sua política financeira em práticas ou convenções anteriores à tecnologia actual. E esta, uma vez implementada, exige movimento em direcção às últimas inovações técnicas, nas quais se incluem novos serviços, viáveis neste novo enquadramento.

Daí ter total cabimento falar nas últimas inovações, não como quem sonha, mas como quem procura saber o que quer, apesar das limitações que sempre nos aparecem. Algumas das práticas internacionais talvez não sejam tão proibitivas em Portugal, como somos tentados a pensar, se se tiver acesso às estruturas e contactos correctos.

Partindo do princípio de que o ambiente informático nos é já familiar, assim como o conhecimento da investigação e desenvolvimento que lhe continuam e continuarão a estar subjacentes, é na área de transmissão de dados que se tem vindo a verificar uma grande variedade de desenvolvimentos tecnológicos de grande relevância para bibliotecários e cientistas da informação.

Há investigadores portugueses que fazem já transferência de dados, registados electronicamente, de uma outra fonte para o seu microcomputador, recorrendo às linhas telefónicas como canais de comunicação e dispondo, é claro, dos respectivos meios técnicos.



Esses mesmos investigadores utilizam, por exemplo, a tecnologia do FAX para rapidamente trocarem documentação de que precisam dispor em cima da sua secretária imediatamente.

Uma vez que eles podem ser alguns dos nossos utilizadores, o grau de exigência relativamente à rentabilização dos recursos de que já dispomos de facto, aumenta.

A compatibilização de grandes, médios ou sistemas de pequeno porte com este tipo de exigências, parece-me ser um dos desafios mais importantes para médio, ou mesmo curto prazo! Quanto maior é o sistema maiores são as capacidades de resposta, mas também mais exigentes, relativamente a "know-how", na implementação de inovações, como por exemplo os sistemas "viewdata" ou o FAX.

A título exemplificativo, a maior potencialidade dos sistemas "viewdata" consiste no fornecimento de informação corrente, compacta e factual, de que é um exemplo o serviço videotexto, que utiliza um aparelho de TV modificado.

Uma outra técnica, a do telefacsimile, ou FAX, poderá talvez ser um instrumento para o empréstimo, restando a dúvida de saber até que ponto é prático, pois a informação registada através deste suporte desaparece muito facilmente.

Outra alternativa parece ser o correio electrónico, próprio de um sistema informático específico, ou recorrendo às redes de comunicações existentes.

A transferência de ficheiros, utilizando as caixas de correio existentes no correio electrónico de um qualquer sistema informático parece

ser outro recurso para a transferência rápida da informação, inclusivamente do documento "primário", se esse sistema dispuser de "software" que suporte texto integral, imagem, gráficos, etc.

Extremando-se o cenário, parece-nos que se caminha, portanto, para a disponibilização da biblioteca na casa de cada um..., ou no gabinete de um qualquer utilizador. A confirmar-se esta mudança, desejavelmente teremos nós que mudar também, não na senda do progresso, mas na sua frente.

É preciso não esquecer também que o nosso utilizador, naturalmente, quer dispendir o mínimo de dinheiro possível para aceder à informação, o que nos faz sentir transportados para o regime do deve e haver, passando a ser um dos nossos objectivos oferecer serviços melhores e mais baratos.

Uma vez que a maior parte dos serviços de informação correspondentes às pessoas que aqui nos estão a ouvir, se inserem em organismos públicos, a pergunta que aqui fica é se, confrontados com essa realidade, seremos capazes de "compatibilizar", não no sentido informático, mas estratégico, os objectivos de um bom serviço de informação com os objectivos de um bom organismo público.

4. Traduções livres da autora

2. ROSENTHAL, Joseph A. - Les murs s'écroulent: l'impact de l'ère électronique sur les bibliothèques et leurs utilisateurs. Paris

3. SCHMIDMAIER, Dieter - Human aspects of electronically stored information: point of view of a Director of library staff. Brighton, IFLA, 1987

19. When information becomes strategic. "I'm: information market" Luxemburgo, 66, Feb. - Apr. 1991, p.10

4. When information becomes strategic. "I'm: information market" Luxemburgo, 66, Feb. - Apr. 1991, p.10